

Por que manter escolas adventistas em funcionamento?

Boa pergunta, porém uma pergunta que era considerada irreverente e irrelevante aos primeiros adventistas. Afinal de contas, não iria Jesus voltar logo? Se assim fosse, por que educar crianças adventistas para um mundo que acabaria antes que eles se tornassem adultos? Na realidade, o fato de enviar seus filhos para a escola não indicava falta de fé na breve volta de Cristo?

Essa mentalidade levou W. H. Ball, em 1862, a perguntar se era “correto e coerente para nós que cremos de todo nosso coração na iminente volta do Senhor procurar dar aos nossos filhos um preparo educacional?”¹ Note que essa pergunta estava sendo feita 18 anos após o desapontamento milerita. A mentalidade contra a educação tinha se implantado firmemente na mentalidade adventista.

A resposta de James White é interessante, pois ele argumentou que “o fato de que Cristo deve logo voltar não é razão para que a mente não seja melhorada. A mente bem disciplinada e informada pode melhor receber e entesourar as verdades sublimes do Segundo Advento.”² Sua esposa, Ellen G. White, concordava. Dez anos mais tarde ela escreveu que “a ignorância não aumenta a humildade ou a espiritualidade de qualquer professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser melhor apreciadas pelo cristão intelectual. Cristo pode ser melhor glorificado por aqueles que O servem inteligentemente.”³

Os primeiros adventistas lutam com a questão

Ao chegar o ano de 1872, porém, os White não eram os únicos adventistas a se interessarem pela educação formal. Vinte e oito anos haviam passado desde o desapontamento milerita, e nove anos desde a organização oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja estava crescendo e precisava de pastores. Os antigos mileritas estavam envelhecendo, portanto a igreja precisava de treinar líderes para o futuro. Além disso, ao começar a década de 1870, a denominação estava considerando firmemente a sua responsabilidade pelas missões de ultramar.

Com tais preocupações em mente, a

Associação Geral estabeleceu a Comissão de Escolas, que relatou em maio de 1872 que “existem pessoas em nosso meio que chegaram aos seus anos de maturidade e têm convicção de que devem realizar algo para diretamente fazer avançar a causa gloriosa e importante em que estamos enganados. Para esse fim, elas desejam de imediato familiarizar-se completamente com os ensinamentos da Bíblia referentes às grandes verdades pertinentes a este tempo.” A comissão observou também que essas pessoas precisavam de instrução geral para que pudessem com maior eficácia falar e escrever. Como resultado, a denominação estabeleceu uma escola em Battle Creek para preparar obreiros de igreja “que utilizassem aquelas armas para o avançamento da causa”.⁴

Sem dúvida, os primeiros líderes da denominação tinham intenção de que a Escola de Battle Creek treinasse pessoas para pregar o evangelho. Ellen White concordava com esse alvo. “Necessitamos de uma escola”, escreveu ela, em “Educação Adequada” (1872), “na qual aqueles que entram no ministério pastoral possam pelo menos receber instrução nos ramos comuns de educação, e onde aprendam também com mais perfeição as verdades da Palavra de Deus para este tempo”.⁵

Mas a visão da Sra. White para os alvos da educação adventista era mais abrangente do que a visão de outros líderes da igreja. Portanto, em seu artigo de 1872, ela também tratou da importância da educação, da diferença entre a educação e o preparo, da disciplina como domínio próprio, da necessidade de educação prática/útil e da importân-

Os Alvos da Educação Adventista: Uma Perspectiva Histórica

George R. Knight

Em seu artigo de 1872, Ellen White também tratou da importância da educação, da diferença entre a educação e o preparo, da disciplina como domínio próprio, da necessidade de educação prática/útil e da importância de equilibrar os aspectos mentais e espirituais da educação com os aspectos físicos.

cia de equilibrar os aspectos mentais e espirituais da educação com os aspectos físicos.⁹ Basicamente, ao mesmo tempo que ela concordava com os alvos de treinar líderes para a igreja, ela também introduzia temas que prediziam uma educação muito mais abrangente. Durante os próximos 30 anos seus escritos promulgaram as implicações desses alvos.

Por volta de 1873, James White e outros líderes denominacionais reconheceram que sua escola não era adequada. J. White escreveu que “não existe um ramo dessa obra que sofra tanto no momento como a educação apropriada de homens e mulheres para proclamar a mensagem do terceiro anjo”. Conquanto, observou ele, “não tenhamos tempo para dar aos alunos um currículo completo de educação”, a igreja precisa preparar “jovens, homens e mulheres... para se tornarem impressores, editores e professores”. Além do mais, devem ser-lhes ensinadas as “línguas vivas” (em vez das línguas clássicas mortas), considerando que temos “uma mensagem... que deve ser proclamada diante de muitas nações e línguas e povos”. James White se preocupou em enfatizar que tal educação não devia cobrir um longo período de duração, pois o tempo era curto.⁷

Em abril de 1873, John Nevins Andrews expressou o consenso da liderança da igreja em seu editorial na *Review and Herald*: “os chamados que vêm de todas as partes, de homens que

falam outras línguas, devem ser responsáveis por nós. Não podemos fazê-lo em nossas circunstâncias atuais. Mas podemos fazê-lo se o Senhor abençoar nossos esforços no estabelecimento da escola proposta. Temos protelado esse esforço por demasiado tempo.”⁸

Em 1874, a denominação enviou seu primeiro missionário oficial, J. N. Andrews, para um país ultramar e abriu sua primeira instituição colegial, o Colégio de Battle Creek. Esses dois eventos estão inextricavelmente relacionados. Afinal, o propósito principal da primeira educação denominacional era treinar seus membros para proclamar as mensagens dos três anjos. É apropriado, portanto, que oportunamente a primeira instituição adventista de estudos superiores recebesse um novo nome, Universidade Andrews, em homenagem ao primeiro missionário adventista oficial.

Mas nem tudo estava bem no Colégio de Battle Creek no final da década de 1870. Os alvos dos fundadores não estavam sendo atingidos. Não havia curso bíblico exigido, nenhum preparo prático ou missionário, e nenhum equilíbrio físico e mental no currículo, o qual estava dominado em grande parte pelos clássicos do grego e latim e preparo de professores para instituições públicas. Os catálogos da escola iam ao extremo fazendo propaganda de que “nada existe nos cursos regulares de estudo, ou nos regulamentos e práticas disciplinares, que seja no mínimo denominacional ou sectário. As palestras bíblicas são feitas para uma classe composta daqueles que assistem por escolha própria.” “Os administradores deste Colégio não têm disposição de forçar sobre os alunos qualquer perspectiva sectária, ou de dar a tais perspectivas qualquer preeminência nos trabalhos escolares.”⁹

Reflexões sobre os alvos da educação adventista

Por diversas razões, as coisas foram de mal a pior no Colégio de Battle Creek entre 1874 e 1881. Finalmente, o que não se imaginava aconteceu – o colégio foi fechado por um ano, sem garantia de que abriria suas portas novamente. Durante aquele tempo, Ellen White transmitiu vários testemunhos fortes sobre a educação cristã, procurando assim fazer com que a educação adventista voltasse às bases. “Caso uma influência mundana haja de

Tiago e Ellen White.

dominar nossa escola”, escreveu ela em dezembro de 1881. “seja ela então vendida aos mundanos e tomem eles o inteiro controle; e os que investiram seus recursos nessa instituição estabelecerão outra escola, para ser dirigida não de acordo com o plano das escolas populares, nem segundo a vontade de diretores e professores, mas de acordo com o plano especificado por Deus”.¹⁰

Três meses antes ela dissera claramente a seus ouvintes que “o Senhor nunca pretendeu que nosso colégio imitasse outras instituições de ensino. O elemento religioso deve ser a força que

A Sra. White não tinha a mínima dúvida de que o propósito fundamental do colégio era preparar obreiros para a igreja. Por outro lado, ela não advogava um currículo de colégio bíblico ou de instituto bíblico que fosse restrito.

Colocando Cristo no centro

O verdadeiro ponto crítico para a educação adventista ocorreu na década de 1890. Logo no início da década, a convenção educacional de Harbor Springs foi realizada na parte norte de Michigan. Assim como os concílios ministeriais da Associação Geral no período após 1888 ajudaram os pastores a reconhecer a centralidade de Cristo e Sua justiça para o adventismo, também a convenção de Harbor Springs ajudou os educadores adventistas a verem a centralidade de Cristo para o currículo acadêmico da denominação.

Olhando para o passado, a partir de 1893, o líder educacional da igreja, W. W. Prescott, proclamou à Assembléia da Associação Geral que a convenção de Harbor Springs tinha sido o ponto que definiu a educação adventista. “Embora o propósito geral até então”, disse ele, tenha “sido o de ter um elemento religioso em nossas escolas, desde aquela convenção, como nunca antes, o nosso trabalho tem sido praticamente [em vez de teoricamente] sobre aquela base, o que transparece nos cursos de estudo e planos de trabalho como não acontecia antes”.¹⁴

Três meses após a convenção de Harbor Springs, Ellen White navegou para a Austrália, levando consigo um senso mais elevado das possibilidades da educação cristã e das implicações do Evangelho sobre a educação. Enquanto na Austrália, ela teria uma oportunidade sem igual de influenciar a Escola de Avondale para Obreiros Cristãos a desenvolver-se de acordo com os princípios enunciados em Harbor Springs.

A Escola de Avondale figura como grande na história educacional adventista porque Ellen White a considerava como “lição objetiva” ou “modelo” para outras instituições educacionais da igreja.¹⁵ Milton Hook, em seu estudo extensivo sobre os primeiros seis anos da Escola de Avondale, concluiu que os dois alvos principais associados com Avondale eram a conversão e desenvolvimento de caráter dos alunos e seu preparo para se tornarem obreiros denominacionais.¹⁶

Paralelo ao desenvolvimento de Avondale estava o enfoque da missão adventista durante a década de 1890. Pela primeira vez a denominação estava enviando missionários a todas as partes do globo e estabelecendo instituições

educacionais, médicas e de publicações a fim de fortalecer as missões. Essa expansão estimulou o desenvolvimento rápido da educação adventista em todos os níveis, pois a denominação esperava que as escolas ao redor do mundo suprissem obreiros para seus esforços que se expandiam rapidamente. Ao chegar o início de 1900, muitas dessas escolas tinham seguido Avondale, incorporando a palavra missionário em seu nome. (Por exemplo: “Colégio Missionário de Washington” e “Colégio Missionário Emmanuel”).¹⁷

Outra conquista educacional dos anos que a Sra. White passou na Austrália foi o começo do sistema de educação fundamental adventista. Sendo que a Austrália requeria a freqüência na escola, ela escreveu para seu filho W. C. White, em maio de 1897: “Em alguns países os pais são obrigados por lei a enviar seus filhos à escola. Nesses países, nas localidades onde há igreja, devem-se estabelecer escolas, mesmo que não haja mais de seis crianças para freqüentá-la.”¹⁸

Seus conselhos inspiraram reformadores na América do Norte, inclusive Edward Sutherland e Percy T. Magan, que imediatamente começaram a impulsionar o desenvolvimento rápido do sistema educacional fundamental adventista. Sob sua liderança e a de Frederick Griggs, prover educação cristã para cada jovem adventista se tornou um alvo da igreja ao chegar o ano 1910.¹⁹

J. N. Andrews

controla. Se os descrentes escolherem pôr-se ao alcance dessa influência, tudo bem; se aqueles que se acham em escuridão escolherem vir para a luz, será como Deus desejar. Mas afrouxar nossa vigilância, e permitir que as influências mundanas assumam o controle, a fim de atrair maior número de alunos, é contrário à vontade de Deus. A força de nosso colégio está em manter o elemento religioso em ascendência.”¹¹

A Sra. White não tinha a mínima dúvida de que o propósito fundamental do colégio era preparar obreiros para a igreja. Por outro lado, ela não advogava um currículo de colégio bíblico ou de instituto bíblico que fosse restrito. Conforme declarou em sua palestra de dezembro de 1881 aos líderes educacionais da Associação Geral: “O propósito de Deus foi dado a conhecer – que nosso povo tenha a oportunidade de estudar as matérias correntes de estudo, aprendendo ao mesmo tempo os reclamos de Sua Palavra.”¹² Seu conselho total apontava para uma educação com base abrangente, na qual os alunos estudam as artes e ciências dentro do contexto de uma cosmovisão bíblica. Essa posição foi evidente na luta de 1885 na South Lancaster Academy, quando S. N. Haskell e outros procuraram tornar o currículo mais restrito àquilo que era especificamente religioso.¹³ No decorrer dos anos, ela e outros líderes educacionais levaram o adventismo a adotar uma atitude guiada pela religião no estudo das artes liberais no ensino superior.

Assim como os concílios ministeriais da Associação Geral no período após 1888 ajudaram os pastores a reconhecer a centralidade de Cristo e Sua justiça para o adventismo, também a convenção de Harbor Springs ajudou os educadores adventistas a verem a centralidade de Cristo para o currículo acadêmico da denominação.

Pensamentos amadurecidos de Ellen White sobre os alvos da educação

Outro resultado do envolvimento de Ellen White com a Escola de Avondale em seu início foi que ela escreveu constantemente cartas e artigos relacionados com a educação. Esses escritos, juntamente com a publicação de *Christian Education* em 1893 e *Special Testimonies on Education* em 1897 (ambos compilados por W. W. Prescott) não somente ajudaram a guiar o desenvolvimento de escolas adventistas existentes, mas também fez com que os líderes e membros adventistas ficassem mais informados a respeito da educação cristã.

Os escritos de Ellen White sobre educação na década de 1890 prepararam também o caminho para a publicação de seus pensamentos amadurecidos sobre o tópico no livro *Educação* (1903). Nesse livro, mais que em qualquer outro, ela apresentou os alvos e propósitos primordiais da educação, colocando a educação dentro do contexto do Grande Conflito. Em pinceladas magistrais, ela recapitulou a história de Gênesis 1-3 em termos educacionais, concluindo que “restaurar no homem a imagem de seu Criador, trazê-lo de volta para a perfeição na qual ele foi criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e

alma, a fim de que o propósito divino da sua criação possa ser realizado – isso era o trabalho da redenção. Esse é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida.” Novamente ela escreveu: “No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma... Deve ser o primeiro esforço do professor e seu constante objetivo auxiliar o estudante a compreender estes princípios e entrar com Cristo naquela relação especial que fará daqueles princípios uma força diretriz na vida.”²⁰

Além de fazer da conversão o alvo primordial da educação cristã, Educação deixou igualmente claro que o alvo singular da educação adventista é servir. “Nossas idéias acerca da educação”, escreveu ela, “têm sido demasiadamente acanhadas... A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.”²¹

Dentro do esquema da conversão como alvo primordial da educação e de servir a Deus e aos demais como alvo supremo, Ellen White discutiu alvos intermediários tais como o desenvolvimento do caráter, a função do trabalho e a compreensão cristã do conhecimento histórico, literário, científico e bíblico.



W. W. Prescott

De sua perspectiva, todos esses alvos intermediários tinham como base a experiência de conversão e eram essenciais ao preparo dos jovens para servir.

Cultura do século vinte

A natureza mutável da educação e do trabalho do século vinte levou a um importante ajuste na maneira em que se alcançavam os alvos da educação adventista. Com o decorrer do tempo, tanto o trabalho como a educação se tornaram mais profissionais. Isso criou

tensão na denominação.

Tomando um lado da questão estavam educadores como E. A. Sutherland, que tinha liderado a abolição de diplomas acadêmicos no Colégio de Battle Creek no final de 1890. Naquela época, não era necessário um diploma para ingressar em campos como a medicina, a pedagogia, a enfermagem, o ministério ou mesmo o mundo dos negócios ou o governo. Em 1899, Sutherland escreveu que “o primeiro diploma foi conferido por um papa”, e que diplomas eram “germes” da doença que permeou o protestantismo do qual a mensagem do terceiro anjo chamava o povo. Ao chegar 1915, ele afirmava que “qualquer escola adventista que confere diplomas, convida a inspeção do Estado e deve aceitar os padrões do mundo e conformar-se ao sistema educacional mundial”. Chegaria o tempo em que, dizia ele, diplomas seriam conferidos diretamente pelo papado e constituiriam “um selo ou marca da besta”.²²

Mas mesmo enquanto Sutherland fazia esses pronunciamentos, o profissionalismo e a educação estavam sendo transformados. Um caso em questão era a medicina. Em 1910, o Flexner Report expôs o lamentável estado do ensino de medicina nos Estados Unidos e finalmente levou ao fechamento de mais da metade das escolas de medicina do país. Usando esse relatório, em 1911 a Associação Médica Americana (AMA) avaliou o inexperiente Colégio de Evangelistas Médicos (em Loma Linda, Califórnia) e deu-lhe o índice mais baixo possível. A escola teria que alcançar um índice mais elevado ou fechar, sendo que sem a aprovação da AMA seus formandos não poderiam praticar medicina. Alcançar

um índice mais elevado, porém, significava que as escolas que enviavam seus alunos para o Colégio de Evangelistas Médicos também tinham que ser acreditadas pelas associações regionais de reconhecimento. Assim que a questão de diplomas se tornou uma questão de reconhecimento.²³

A decisão de como se relacionar com esses acontecimentos dividiu a liderança adventista. Alguns acreditavam que a igreja devia preparar instrutores bíblicos em Loma Linda que pudessem também fazer tratamentos naturais, ao passo que outros pensavam que a igreja precisava de preparar médicos totalmente certificados. Em sua preocupação, expuseram a questão a Ellen White, cuja resposta foi inequívoca. “Nós temos”, disse ela, “que providenciar aquilo que é essencial para qualificar os nossos jovens que desejam ser médicos, para que eles possam inteligentemente se preparar para prestar os exames requeridos para provar sua eficiência como médicos... Devemos suprir o que for necessário para que esses jovens não se sintam compelidos a ir para escolas médicas conduzidas por homens que não são da nossa fé.”²⁴

Ela reconhecia que isso afetaria também os colégios adventistas. “Nossas escolas missionárias das maiores Uniões, em várias partes do campo, devem ser aparelhadas de maneira a habilitar nossos jovens a satisfazer as exigências de admissão especificadas pelo Estado quanto aos estudantes de medicina.... Os jovens... devem poder alcançar, em nossas escolas missionárias das Uniões, tudo quanto é necessário a fim de entrar em uma escola de medicina... e conquanto haja exigências legais que tornem necessário que os alunos de medicina façam determinado curso preparatório, nossas escolas superiores devem tomar providências para levar os alunos a alcançarem preparo literário e científico necessário.”²⁵

Esse conselho forneceu a base para o conseqüente reconhecimento dos colégios adventistas. Significou também uma ênfase contínua na função de servir na educação adventista, sendo que ao chegar a metade do século vinte, diplomas reconhecidos eram necessários em grande número de profissões. Os tempos haviam mudado e, felizmente, o sistema educacional da igreja estava em posição de enfrentar tais mudanças ao continuar a preparar jovens para servir.

A natureza mutável da educação e do trabalho no século vinte resultou em importantes ajustes na maneira em que se alcançavam os alvos da educação adventista.

Conclusão

Por que manter escolas adventistas?

Os pioneiros adventistas definitivamente acreditavam que suas escolas deviam pregar a mensagem do terceiro anjo e fazer o trabalho da igreja. De acordo com Ellen White, o objetivo mais elevado da educação é o “serviço”.

Mas estar apto a servir implica preparo tanto intelectual como moral. Os primeiros crentes de modo geral concordavam que (1) o desenvolvimento do caráter era crucial, (2) os ramos comuns de estudo bem como as artes e ciências eram importantes, e (3) a

A Escola de Avondale figura como grande na história educacional adventista porque Ellen White a considerava como “lição objetiva” ou “modelo” para outras instituições educacionais da igreja.

Frederick Griggs

Universidade de Loma Linda hoje.

cosmovisão bíblica deve fornecer a matriz na qual a compreensão cristã ocorre.

Portanto, embora os primeiros adventistas de maneira geral concordassem que o objetivo mais elevado da educação cristã é o serviço e o instrumento ou alvo, o desenvolvimento do caráter ao adquirir conhecimento baseado em uma perspectiva bíblica, foi Ellen White que supriu aos educadores da igreja o objetivo mais elevado da educação cristã ao comparar a verdadeira educação com a redenção. Além disso, ela forneceu à denominação os recursos para cumprir seu objetivo final de servir a Deus e à humanidade no mundo moderno quando aconselhou a igreja a procurar oferecer cursos reconhecidos.

No final do século dezenove e início do século vinte, a Igreja Adventista foi repetidamente forçada a esclarecer seus alvos educacionais. No século vinte e um a Igreja Adventista precisa manter seus olhos fixos nesses alvos ao procurar servir à sociedade contemporânea.



George R. Knight é professor de História da Igreja na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Ele escreveu ou editou boa quantidade de livros e artigos sobre a educação adventista.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. "Questions and Answers", Review and Herald (23 de dezembro de 1882), pág. 29.
2. Ibidem.
3. Ellen G. White, Fundamentos da Educação Cristã, pág. 45.
4. School Committee, "The Proposed School", Review and Herald (7 de maio de 1872), pág. 168. Grifo nosso.
5. White, Fundamentos da Educação Cristã, págs. 45 e 46.
6. Ver Ibidem, págs. 15-46; George R. Knight, "Ellen G. White: Prophet", em Early Adventist Educators, George R. Knight, ed. (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1983), págs. 27-30.
7. James White, "Conference Address Before the General Conference of the S. D. Adventists, March 11, 1873", Review and Herald (20 de maio de 1873), págs. 180 e 181.

8. J. N. Andrews, "Our Proposed School", Review and Herald (11 de abril de 1873), pág. 124; cf. G. I. Butler, "What Use Shall We Make of Our School?", Review and Herald (21 de setembro de 1874), págs. 44 e 45.
9. Battle Creek College Catalogue, 1876-1877, pág. 10; 1879-1880, pág. 6.
10. Ellen G. White, Testimonies for the Church (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Assn., 1948), vol. 5, págs. 25 e 26.
11. Ibidem, pág. 14. Grifo nosso.
12. Ibidem, pág. 21. Grifo nosso.
13. Ver Myron F. Wehtje, And There Was Light: A History of South Lancaster Academy, Lancaster Junior College, and Atlantic Union College (South Lancaster, Mass.: Atlantic Press, 1982), págs. 74-84.
14. W. W. Prescott, "Report of the Educational Secretary", Daily Bulletin of the General Conference (23 de fevereiro de 1893), pág. 350.
15. Ellen G. White, Life Sketches of Ellen G. White (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publishing Assn., 1943), pág. 374; Ellen G. White, diário, MS 92, 1900.
16. Ver Milton Hook, "The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1894-1900", dissertação Ed.D., Universidade Andrews, 1978.
17. Ver George R. Knight, "The Dynamics of Educational Expansion", The Journal of Adventist Education (abril/maio de 1990), págs. 13-19, 44 e 45.
18. Ellen G. White para W. C. White, 5 de maio de 1897; cf. White, Testimonies, vol. 6, págs. 198 e 199.
19. Ver Warren S. Ashworth, "Edward Alexander Sutherland and Seventh-day Adventist Educational Reform: The Denominational Years, 1890-1904", dissertação Ph.D., Universidade Andrews, 1986; Arnold C. Reye, "Frederick Griggs: Seventh-day Adventist Educator and Administrator", dissertação Ph.D., Universidade Andrews, 1984.
20. Ellen G. White, Educação, págs. 15, 16 e 30. Grifo nosso.
21. Ibidem, pág. 13. Grifo nosso. Cf. pág. 309.
22. E. A. Sutherland, "Why the Battle Creek College Can Not Confer Degrees", Review and Herald (10 de outubro de 1899), pág. 655; (14 de novembro de 1899), pág. 740; E. A. Sutherland, Studies in Christian Education, ed. reimpressa (Payson, Ariz.: Leaves-of-Autumn Books, 1977), págs. 137 e 138.
23. Para maiores detalhes a respeito da luta pelo reconhecimento, ver George R. Knight, Myths in Adventism: An Interpretive Study of Ellen White, Education, and Related Issues (Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Assn., 1985), págs. 37-45.
24. E. G. White, carta reproduzida em "A Medical School at Loma Linda", Review and Herald (19 de maio de 1910), pág. 18; cf. Ellen G. White, Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes, pág. 480.
25. White, Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes, págs. 479 e 480.